

humanitas

Vol. XXXVII-XXXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXVII-XXXVIII



C O I M B R A

MCMLXXXV-MCMLXXXVI

A bibliografia está dividida em duas partes: a primeira regista as edições, traduções e antologias; a segunda, os estudos críticos sobre a tradição manuscrita e impressa, a exegese antiga e medieval, a exegese moderna (estudos de conjunto e monografias; estudos sobre cada uma das comédias; a expressão formal; a técnica teatral; temas e problemas), a projecção do poeta no ambiente romano, na Idade Média e no mundo moderno. O último capítulo, intitulado “Terêncio no mundo da cultura”, menciona os estudos mais relevantes que se encontram em histórias literárias, histórias do teatro ou da comédia, enciclopédias; e ainda as bibliografias. Quando a arrumação de alguns contributos pode ser discutível, o autor não se esquece de fazer as remissões de um sector para outro; e o mesmo se diga dos subsídios complementares de um mesmo tema: a preocupação de Cupaiuolo, neste particular (como em quase todos os outros), é digna de franco elogio.

Os registos de livros incluem, sempre que possível (mas há algumas distrações, mesmo para obras modernas e acessíveis), o nome do editor. Teria sido preferível, em alguns casos, pelo menos, em vez de multiplicar os registos do mesmo livro consoante os anos de publicação, reuni-los no mesmo número, distinguindo embora os casos de reimpressão dos de reedição propriamente dita. Nas citações de artigos não se adopta, como seria desejável, o critério anglo-saxónico: títulos entre vírgulas altas, revistas ou colectâneas em itálico. Nem sempre se indica que determinados artigos foram republicados em obras do mesmo autor, onde são mais acessíveis (caso de Beare, por exemplo, 4512 “Masks...” e 5063 “Seats...”, que foram incluídos em apêndice de *The Roman stage*, London, Methuen, 1964, 303-309 e 241-247). O número de gralhas parece surpreendentemente baixo, se atendermos à envergadura da obra.

É difícil, em livro tão bem informado, encontrar omissões. Lembremos apenas, no capítulo das traduções dos *Adelphoe* (198-203), a de Walter de Meeiros (Coimbra, I. N. I. C., 1983); e no dos estudos críticos sobre a *Hecyra* (370-374), O. Schrader, *Die Schwiegermutter und der Hagestolz*, Braunschweig, 1904; F. H. Sandbach, “How Terence’s *Hecyra* failed»: *CQ* 32 (1982) 134-135; J. C. B. Love, “Terence’s originality in the *Phormio* and *Hecyra*”: *Hermes* 111 (1983) 431-452.

E notemos, por último, que 4976 C. Bozzolo, “Laurent de Premierfait et Térrence”: *Vestigia. Studi in onore di G. Billanovich*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1984, excede já os limites cronológicos desta admirável bibliografia...

WALTER DE MEDEIROS

VIRGINIO CREMONA, *La poesia civile di Orazio*, Milano, Vita e Pensiero (Pubblicazioni dell’Università del Sacro Cuore), 1983, 472 pp.

As antipatias expiram no silêncio ou num desaforo de palavras desdenhosas ou contundentes: tem acontecido a grandes autores — e Horácio lírico não é excepção. Mas só um longo amor explica o esforço ingente — mais de quatrocentos e cinquenta páginas de texto, mais de quinhentos títulos na bibliografia, mais de seis-

centas notas (muitas vezes extensas) — a que se submeteu Virginio Cremona para interpretar e “revalorizar” o poeta das odes cívicas. Valeu a pena? Não está em causa o dissídio profundo do homem combatido entre o apego ao *hortus conclusus* e as solicitações (condicionadas ou incondicionadas) do cidadão amigo da sua pátria e de Mecenas e Augusto; nem a eficácia da realização artística de algumas peças ou de alguns trechos dessas peças — mas a compenetração real e autêntica do poeta naquele tipo de poesia. E por mais desveladas que sejam as demonstrações o juízo da crítica há-de perdurar subjectivo. Com tendência para a negação.

O estudo articula-se em quinze capítulos: I. A certeza da ruína de Roma e a fuga da história: *Epod.* 7 e 16; II. A superação do *fastidium rei publicae*: *Carm.* 1.14; III. A nova realidade política: *Epod.* 9, *Carm.* 1.37 e 1.15; IV. Novas inquietações: o *scelus* hereditário e a necessidade de uma expiação: *Carm.* 2.1 e 1.2; V. Prelúdio às *Odes romanas*: *Carm.* 3.24 e 3.25; VI. As *Odes romanas*: *Carm.* 3. 1, 2, 3, 4, 5, 6; VII. Horácio e o programa de restauração ético-religiosa de Octaviano Augusto; VIII. O ciclo das *Odes romanas*; IX. Dos *Epodos* 7 e 16 às *Odes romanas*; X. Augusto *restitutor rei publicae* e *tutor pacis*: *Carm.* 1.12 e 3.14; XI. Significado dos *Ludi saeculares*; XII. O *Carmen saeculare*; XIII. Do *Carmen saeculare* às odes do livro IV; As odes cívicas do livro IV: *Carm.* 4.2, 4, 5, 14, 15; XV. Individualismo e civismo na lírica horaciana. Cada capítulo — com excepção de VII, VIII e IX (que prolongam a interpretação das *Odes romanas*), de XI (que prepara a apresentação do *Carmen saeculare*), de XIII (que estabelece a conexão entre o *Carmen* e as odes do livro IV) e XV (que extrai as conclusões gerais) — é constituído pelo texto e tradução dos epodos e carmes que se enquadram no enunciado; por um comentário ideológico geralmente sucinto; e por anotações nutridas e extensas a este comentário, com a preocupação constante de dar o estado actual das questões. Eram inevitáveis — em mole tão considerável de discussão e de erudição — algumas prolixidades, algumas repetições: mas é sobretudo a densidade da apresentação gráfica das notas em corpo minúsculo que torna fadigoso o seu aproveitamento. Não é difícil entender a necessidade do expediente, já que ao avultamento do corpo corresponderia um avultamento considerável do volume e do preço. Mas é de lamentar, ainda assim, que se apresente de forma escassamente convidativa um pecúlio de materiais digno de respeito e admiração.

Acima, realmente, das disquisições — nem sempre convictas e nem sempre convincentes — sobre a validade (ou a vitalidade) deste Horácio poeta ou não poeta nas odes civis, conta o peso da informação, bem assimilada e bem enquadrada, que Virginio Cremona reuniu e ofereceu ao seu leitor. Ninguém lhe negará, por esse empenho, o aplauso e a gratidão a que tem direito.

WALTER DE MEDEIROS